

APRESENTAÇÃO

Em 2012, a *Alfa* celebrou 50 anos de resistência como periódico científico. Este número, que abre o volume 58/2014, é uma verdadeira amostra da plenitude acadêmica que atingiu. Ao dar continuidade a essa persistente trajetória, acaba por trazer também uma inovação tanto na periodicidade, que deixa de ser semestral para ser quadrimestral, quanto no conteúdo, que, em termos quantitativos, passa a incluir um mínimo de 8 e um máximo de 10 artigos por número.

Outra mudança relevante é que esta revista deixa de ser duplamente publicada por meios impressos e digitais a partir de 2014. Além da economia de recursos, a publicação eletrônica, a que a *Alfa* passa a restringir-se, constitui um poderoso mecanismo de democratização por facilitar o acesso da informação científica a um público teoricamente ilimitado.

Mudanças são sempre salutares e desejáveis justamente porque adaptam a revista às exigências do tempo, garantindo-lhe longevidade, mas as de periodicidade e de conteúdo, acima mencionadas, miraram especificamente o atendimento de exigências do SciELO, importante coleção eletrônica a que a *Alfa* se acha indexada desde 2013.

Buscando, agora, um olhar qualitativo para o conteúdo deste número, as duas contribuições que o abrem giram em torno de reflexões sobre o ensino. O primeiro trata da gramática do português de uma perspectiva textual, privilegiando a construção da cadeia referencial em fragmentos de textos acadêmicos; o segundo se volta para a própria formação crítico-reflexiva do professor de língua estrangeira empregando fóruns *online* como instrumental teórico e prático de representação.

A língua em uso com base na análise de *corpora* orais do português brasileiro e do português europeu, tema da terceira contribuição, é a base sobre a qual se assenta o tratamento da “autocitação fictiva”, um gênero textual que impõe uma perspectiva avaliativa ao discurso direto. A descrição do discurso real persiste no quarto texto da coleção, que enfoca a relação entre a manifestação formal de futuridade e gênero textual em que se desenvolvem eventos prospectivos.

Os dois artigos seguintes giram em torno de propostas cognitivas. O quinto trata da metáfora conceptual de uma perspectiva historiográfica, um enfoque

oportuno de um tema ainda lacunar na área: já mesmo os séculos XVIII e XIX trazem trabalhos com reflexões antecipatórias de suporte a uma teoria cognitiva da metáfora do cotidiano.

O sexto texto, por seu lado, dá uma contribuição também relevante para a discussão da realidade neurofisiológica da sintaxe nas línguas naturais. Trata-se, em suma, de fornecer uma base epistemológica comum sobre a qual se moveriam linguistas e neurocientistas, uma vez que o aprendizado associativo por correlação, postulado por neurocientistas, não se coaduna com uma visão internalista de sintaxe postulada por linguistas gerativistas.

Passemos, agora, da sintaxe para a morfologia. Tomando por base um enfoque construcional, em que também é relevante a linguística cognitiva, os autores do sétimo texto propõem uma nova abordagem da formação e da estruturação de palavras complexas do português, associando-a à postulação de instrumentos teóricos adicionais, que esclarecem, com maior riqueza de detalhes, o pólo semântico da construção morfológica.

Pano rápido para a morfologia, com o foco centrando-se agora na fonologia. O penúltimo artigo deste número aborda a percepção da entoação no português brasileiro com base numa modelagem lógico-matemática, cuja aplicabilidade futura, possivelmente assegurada, ainda demanda, segundo os autores, mais estudos de base, além de instrumentação computacional mais funcional.

O artigo que fecha o número propõe um modelo de taxionomia lexicográfica, cujos critérios de base funcional e linguística, permitem projetar uma classificação mais objetiva, mais exaustiva e de maior grau de validade universal, em oposição aos modelos mais tradicionais, baseados em critérios de natureza impressionista.

Como testemunha o leitor, o presente número apresenta um conjunto expressivamente inovador de contribuições, especialmente em função da diversidade teórica das propostas, da variedade dos fenômenos envolvidos e dos níveis metateóricos a que se aplicam as análises. Como editor, deixo registrada a esperança de que a leitura dos artigos aqui enfeixados estimule o diálogo com outras propostas e com outras posições teóricas de que resultem as sementes de uma reflexão sempre crítica e fecunda.

Roberto Gomes Camacho